



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Criar suínos e criar porcos: práticas locais e a inserção de sistemas industriais entre agricultores do Médio Alto Uruguai gaúcho

Autoria: Sílvia Maria Poletti (UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul)

Por que agricultores integrados ao sistema industrial de suínos continuam criando porcos? A paisagem que nos cerca em pequenas cidades rurais da região noroeste do Rio Grande do Sul é a de grandes pavilhões, chamados de chiqueirões, que possibilitam por meio de instalações robotizadas o cuidado de milhares de suínos. O ambiente ao redor das estruturas abriga uma diversidade de animais e plantas, entre eles os porcos que são menos de meia dúzia, criados junto das galinhas e bezerros eles mantêm um lugar exclusivo dentro de casa onde se deixa os restos de comida humana para alimentá-los. Milhares de suínos se encontram numa curta distância dos porcos caseiros, ambos pertencentes à mesma família de agricultores que criavam seus animais para consumo familiar e viram uma boa oportunidade de crédito para iniciar um work com empresas suinícolas. O curioso é que após erguer o galpão, receber os animais e ter a possibilidade de ficar com alguns para consumo próprio ao final do work, os agricultores ou já tem os seus porcos crioulos, ou aceitam da empresa e os criam de sua maneira por mais algum tempo, assim fazendo cruzas genéticas e os transformando em porcos guachos, ou ainda, somente os limpando com as lavagens (restos de comida humana). Este work aborda as condições pertencentes ao modo-de-criar porcos e o modo-de-criar suínos, a



partir do ambiente de relações multiespecíficas no cotidiano de agricultores do Médio Alto Uruguai gaúcho. A pesquisa acompanha agricultores que se integraram a criação industrial de suínos há menos de duas décadas, e visa refletir sobre as transformações suscitadas pela nova técnica de criação e a insistência com a permanência do jeito de criar porcos. Buscaremos compreender a assimilação, por parte dos agricultores, das novas coordenações advindas do mercado agropecuário diante das práticas de criação local característica do campesinato imigrante. Em consonância com os estudos da antropologia da técnica e das relações multiespecíficas, o artigo pretende investigar a dicotomia tradicional e industrial, aprofundando o debate em torno da introdução e disseminação da suinocultura no interior do Rio Grande do Sul. Buscamos interpretar o conflito ontológico que incide no saber local versus o interesse global, e a possibilidade de reprodução da biodiversidade doméstica na agricultura de base familiar na condição de inserção do regimes industrial de domesticação.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: